

seriales, del conjunto de textos (del mismo o de otro autor) que retoman, modifican y traducen al personaje por el mismo o por otros medios. Desde este punto de vista el personaje estaría cercano a la noción de mito (Lévi-Strauss), por cuanto no está presente en un único texto sino que se puede observar comparativamente en el paso y en las transformaciones que sufre de un texto a otro. “Hace falta pensar –dice Marrone– en un *mitismo intrínseco* del personaje que le consiente esta disponibilidad traductiva entre textos, discursos y medios.”

Análogas consideraciones hacen Paolo Fabbri e Isabella Pezzini en el capítulo con el que concluyen el bello volumen dedicado a las aventuras de Pinocho: se puede hablar de un tono mítico, o mejor aún de un mitismo, que es propio del personaje colodiano. Para Fabbri está presente en Pinocho una *calidad mítica* que le permitiría ser constante aun a través de todas las formas de traducciones, transformaciones y usos de los que

ha sido objeto. Esto posibilitaría la extrema movilidad del célebre muñeco.

El tema de la traducción, del rehacerse, de lo que queda inalterado y lo que cambia al pasar de un texto al otro, de un *medium* a otro, es central en la totalidad del libro, cuyo origen fue el seminario de 2001 que se desarrolló en el Centro Internacional de Semiótica y Lingüística de la Universidad de Urbino. Se interesa también por la larga tradición de textos a los que Pinocho ha dado lugar: las continuaciones (Pinocho había nacido como una serie mensual, con una segunda parte no prevista por el autor), traducciones más o menos fieles, reducciones, reescrituras y transposiciones en diferentes lenguajes, desde el cine hasta el teatro, el dibujo animado, etc. Se delinea así un cuadro de sugestivas facetas que recupera y profundiza la vocación comparativa que, como observa Isabella Pezzini, es propia del análisis semiótico.

Paolo Bertetti

ARJEN MULDER E MAAIKE POST

BOEK VOOR DE ELEKTRONISCHE KUNST [LIVRO PARA A ARTE ELETRÔNICA]. Rotterdam: V2 & NAI Publishers, 2000, 184 pages. ISBN 90-6617-254-1.

*Boek voor de elektronische kunst* não é o último livro de Arjen Mulder, um autor bem conhecido no campo das mídias e arte. Em 2004, apareceu *Sobre a teoria das mídias: Linguagem, imagem, som, comportamento*. O livro de 2000 foi publicado por V2, o Instituto para as mídias instáveis, fundado em 1981 e

muito conhecido por sua participação em muitas redes, entre elas, a Rede Europeia de Ciberarte (EncArt) e a organização do Festival Holandês de Arte Eletrônica (DEAF) em Rotterdam. O livro dá um bom panorama da arte eletrônica que tem estado em ação no V2, de Dick Raaijmakers, Peter Weibel e Steina e

Woody Vasulka a Stelarc e Seiji Shimoda. Consiste de 6 ensaios e de 13 entrevistas com esses artistas e organizadores e com teóricos tais como Geert Lovink, Roy Ascott e Kodwo Eshun – uma distinção difícil de ser feita nesse campo.

O ponto de partida está em cinco conceitos e práticas que são centrais nesse campo: máquina, mídia, arte, interface e rede. No entanto, o enfoque dado a esses conceitos é inesperado, ou melhor, contra a opinião comum, mas consistente com o modo como esses artistas têm lidado com esses assuntos. Assim, os títulos dos ensaios são: “Máquinas não produtivas”, “Mídias instáveis”, “Interfaces não-intuitivas” e “Redes não-comunicativas”. Um dos objetivos dos autores é reinterpretar e alargar a noção histórica da arte devido à introdução das novas mídias na arte. Os autores seguem nesses artigos procedimentos incomuns: em alguns casos, eles começam com exemplos concretos, considerado como uma obra canônica na arte eletrônica, que é analisado profundamente, com referência a outros teóricos das mídias e filósofos, enquanto em outros casos, as reflexões sobre fenômenos específicos relacionados à arte eletrônica estão no cerne do artigo.

DIANA DOMINGUES (ED.)

ARTE Y VIDA EN EL SIGLO XXI: CIENCIA, TECNOLOGÍA Y CREATIVIDAD. San Pablo: Editora UNESP, 2003, 384 pp. ISBN 85-7139-489-X.

Después de su exitoso libro *A Arte no Século XXI: A Humanização das Tecnologias* (UNESP, 1997), Diana Do-

Entretanto, em nenhum desses artigos, a descrição de exemplos de arte eletrônica está faltando.

Na introdução, Arjen Mulder e Maaika Post explicam por que eles escolheram o termo arte eletrônica e não alternativas como tecno arte ou ciber arte. Estes nomes foram usados nos anos 1980 e, na opinião dos autores, estão também diretamente conectados com os desenvolvimentos dessa década. Net arte é um termo mais próprio dos anos 1990 e está restrito à arte que se apresenta na internet. Os autores não aceitam o termo arte midiática, pois todas as artes usam algum tipo de mídia. Arte eletrônica, por sua vez, é mais específico e mais amplo ao mesmo tempo, incorporando instalações, performances com música eletrônica, multimídia, arte máquina etc. É também o termo utilizado em festivais e nos encontros da Inter Sociedade para as Artes Eletrônicas. Mesmo assim, penso que é difícil encontrar um termo conectado com uma mídia em um mundo artístico pós-midiático.

Marga van Mechelen

Tradução do inglês de Lucia Santaella

mingues, en esta nueva compilación, nos presenta un panorama aun más amplio e igualmente vanguardístico, que perfec-